

Favela não é bagunça: uma análise discursiva da reportagem “*bunker de bandido, Complexo da Maré concentra mais de 240 foragidos da Justiça*”¹

Elizabeth Caroline de SOUZA²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo traz reflexões sobre como ideologias dominantes se apropriam do discurso jornalístico e como isso impacta à opinião pública e colabora com a legitimação de violência contra grupos vulnerabilizados socialmente. A análise será feita a partir de reportagem publicada pelo portal de notícias G1 em que retrata o Complexo de Favelas da Maré, na Zona Norte do Rio de Janeiro, como “bunker de bandidos”. A abordagem será feita a partir de: Chareau (2013) para compreender como acontece o processo de criação discursiva; Dijk (2017) e Hall (2016) em relação às implicações ideológicas atreladas a esses discursos e quais efeitos geram na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: discurso jornalístico; contra-hegemonia; ideologia; jornalismo, racismo.

INTRODUÇÃO

A população negra corresponde a 56% da população brasileira³, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Mas os números não são os mesmos quando o assunto é acesso a direitos básicos, nesse campo negros e negras ocupam os piores rankings escancarando uma realidade social que tem se agravado cada vez mais durante a pandemia da Covid-19, como apontou reportagem da Gênero e Número⁴ revelando que das 7,1 milhão de mulheres que estavam à procura de emprego em 2020, 4,4 milhões eram negras. Uma política de exclusão que atravessou séculos de violências e descasos e que vem se fortalecendo e ganhando novas roupagens dentro de um sistema onde o racismo institucional e estrutural ditam as regras.

A ideia de racismo institucional, por exemplo, demonstra que essa é uma dinâmica que vai além de uma ação individual, tendo o poder como peça elementar (ALMEIDA, 2019). Sendo assim, as instituições refletem a estrutura social racista em que estão

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE, e-mail: elizsouza@gmail.com.

³ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: <

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 12 de ago. 2021

⁴ Reportagem da Gênero e Número sobre o número de desempregadas no Brasil durante a pandemia. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/mulheres-trabalho/>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

inseridas por meio de uma dinâmica em que privilegiam determinados grupos raciais em detrimento de outros. A imprensa tradicional é um exemplo de instituição em que ações e discursos racistas encontram solo fértil consolidando estereótipos e imagens negativas de grupos minoritários e os espaços em que habitam, a exemplo das periferias brasileiras que são compostas, em sua maioria por pessoas negras, como apontou estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁵.

No especial “Racismo na Mídia e na Esquerda”, produzido para o jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, a jornalista Ana Cláudia Mielke reforça que “os apagamentos e exclusões seguiram sendo reproduzidos – antes como política e violência, agora como discurso. E em uma sociedade midiaticizada são as mídias de massa as principais responsáveis por isso”.

Sendo assim, por serem estruturas de poder que muitas vezes dão apoio ao status quo de dominância (DIJK, 2017), o presente trabalho tomará como base a atuação da imprensa no fortalecimento desse cenário de violência e exclusão contra grupos vulnerabilizados. Para a realização da pesquisa será analisado o título de reportagem publicada no portal de notícias G1 que associou o Complexo da Maré, conjunto de favelas localizado no Rio de Janeiro com cerca de 140 mil moradores - sendo 62,1%⁶ dessas pessoas autodeclaradas negras, de acordo com o Censo Demográfico da Maré - a um “*bunker* de bandidos”.

Por ocupar um espaço de destaque social, como a imprensa, que por meio de suas produções “orientam a sociedade no mundo real” (PARK, p. 51 2008), pode contribuir com a legitimação de atitudes racistas, preconceituosas contra minorias sociais e os espaços que habitam? Como esses tipos de discurso se materializam e ganham força? Quais os impactos disso?

Utilizando os estudos de Park (2008), Dijk (2017) e Hall (2016), Chareaudeau (2013) será possível compreender a construção discursiva e as implicações ideológicas que permeiam matérias jornalística. Autores como Almeida (2019) e Kilomba (2019) permitirão reflexões acerca da estrutura racista que permeia a sociedade e como esse

⁵ A pesquisa divulgada pelo Ipea em 2008, mostrou que 40,1% das casas em localidades periféricas pelo Brasil eram chefiadas por homens negros, enquanto que 26% por mulheres negras. Disponível em:< <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2008-12-16/negros-sao-maioria-nas-favelas-segundo-estudo-do-ipea>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

⁶ Censo desenvolvido pela instituição Redes da Maré. Disponível em:< https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf>. Acesso em 25 de set. 2020.

racismo se reproduz fortalecendo espaços de poder em detrimento de espaços subalternizados.

O DISCURSO NO CAMPO DA INFORMAÇÃO

O discurso vai além das regras do uso da língua, ele é o resultado de combinações de circunstâncias que envolvem a maneira como se fala ou escreve com a forma pela qual se fala. Sendo assim, o discurso é a imbricação de fatores extradiscursivos e intradiscursivos que produz sentido. Posto isto, quando o discurso é avaliado no campo da informação “equivale a se interrogar sobre a mecânica de construção de sentido, sobre a natureza do saber que é transmitido, sobre o efeito de verdade que pode produzir o receptor” (CHAREAUDEAU, 2013, p. 40). Ao abordar a construção de sentido, Chareadeau (2013) diz que esse é um método que ocorre por meio de um duplo processo de semiótica: transformação e transação.

O processo de transformação atribui significados ao mundo e tem ligação com o ato de informar porque “deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos)” (CHAREAUDEAU, 2013, p. 41). Já o processo de transação tem o intuito de dar significação psicossocial ao ato de linguagem produzido pelo sujeito, ou seja, demarcar um objetivo em conformidade com outros parâmetros, como suposições sobre identidade do receptor, o efeito e relação que deseja causar nesse outro. Assim sendo, o ato de informar também está incluído nesse processo

fazendo circular entre os parceiros um objeto de saber que, em princípio, um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação a seu estado inicial de conhecimento (CHAREAUDEAU, 2013, p. 41).

O processo de informação entre os sujeitos também é uma forma de se colocar no mundo em relação ao outro, visto que a própria percepção de si passa pela percepção da existência do outro, o que demonstra a forte ligação entre linguagem e intersubjetividade (CHAREAUDEAU, 2013). A partir dessas reflexões, é possível compreender que o processo informativo se dá por meio de trocas discursivas com outros sujeitos. Por isso, “é, pois, inútil colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a

uma fonte de informação. Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade.” (CHAREAUDEAU, 201, p. 42).

O DISCURSO NO MEIO JORNALÍSTICO

A partir das análises feitas por Chareaudeau (2013), é possível também compreender as dinâmicas que envolvem o discurso jornalístico que é construído através do jornalista, sem deixar de levar em consideração as interferências que o profissional emite no texto. Referente a isto, é importante saber que a notícia jornalística por meio de seu método informativo influencia a formação da opinião pública e esse é um movimento importante que contribui com o funcionamento de uma sociedade democrática, uma vez que essas mesmas notícias são meios de orientação da população no mundo real.

Tal dinâmica se dá primeiramente por meio de uma reação primária de quem lê uma notícia e logo em seguida sente a necessidade de contá-la para alguém, o que permite que discussões sejam geradas sobre aquele determinado assunto. Seguindo esse trajeto, surgem outras opiniões e sentimentos a respeito do assunto debatido. São essas múltiplas interpretações que dão origem à opinião pública (PARK, 2008). É aí que o poder da imprensa se localiza, “na influência que jornais exercem na formação da opinião pública mobilizando a comunidade para a ação política” (PARK, 2008, p. 71). Essa influência pode servir a grupos dominantes em detrimento de grupos vulnerabilizados.

Um dos casos em que isso ocorre é quando a notícia dá destaque apenas a fontes que possuem posições privilegiadas, os poderosos, denominados definidores primários. De acordo com Hall (2016), essa demanda ocorre devido a pressões que exigem um curto período de tempo para a entrega da produção jornalística e uma busca obsessiva por uma escrita imparcial e objetiva. “Deste modo, os *media* tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade” (HALL, 2016, p. 316).

Como dito anteriormente, a sociedade é permeada pelo racismo estrutural e institucionalizado, e as fontes primárias são a personificação dessas instituições, então, em muitos casos, essa reprodução feita pelos *media* tende a fortalecer discursos e iniciativas criminosas e violentas, como o racismo por exemplo, já que

A desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por

determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2019, p. 27).

A imprensa também é uma dessas instituições envolvidas na reprodução do racismo (DIJK, 2017). Por ser um processo complexo que demanda diversas etapas, como apuração, entrevista, elaboração de texto, a produção jornalística, devido seu poder persuasivo, quando carregada de discursos preconceituosos, racistas, influencia a sociedade a reproduzi-los. Isso acontece porque

A maior parte do nosso conhecimento social e político e das nossas crenças sobre o mundo deriva das dúzias de relatos que lemos ou vemos todos os dias. Talvez não haja outra prática discursiva, para além da conversação cotidiana, que seja tão frequentemente exercida e por tantas pessoas como o são as notícias da imprensa e da televisão (DIJK, 2017, p. 63).

Um caso que exemplifica bem as questões levantadas por Dijk (2017) é o da reportagem publicada pelo G1, portal de notícias do grupo Globo, no dia 26 de agosto de 2020, sobre o Complexo da Maré. A problemática já começa pela manchete, foco principal desta pesquisa: “*Bunker* de bandidos – Complexo da Maré concentra mais de 240 foragidos da Justiça”. A partir do que foi debatido até aqui, é possível afirmar que o tom dado a partir do título é explicitamente prejudicial, visto que fortalece estereótipos que comumente são direcionados às periferias brasileiras, articulando um discurso que generaliza particularidades.

Elaborada por quatro repórteres – todos brancos, de acordo com apuração feita nas redes sociais -, a matéria reforça “a homogeneização de um vasto território à simplória, redutora e preguiçosa expressão ‘*bunker* de bandidos’”(PAUL, 2020)⁷. Localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Complexo da Maré reúne cerca de 16 favelas onde vivem 140 mil moradores, sendo considerada mais populosa que 96% dos municípios brasileiros, de acordo com o Censo desenvolvido pela Rede da Maré. Devido a repercussão negativa, o título da matéria foi alterado pelos jornalistas para “Complexo

⁷ Texto “G1 reduz 140 mil cidadãos a “bunker de bandidos” produzido por Dairan Paul, doutorando em Jornalismo (PPGJOR/UFSC) e pesquisador do objETHOS (Observatório da Ética Jornalística). Disponível em:< <https://objethos.wordpress.com/2020/08/31/g1-reduz-140-mil-cidadaos-a-bunker-de-bandidos/>>. Acesso em:25 de set. 2020.

da Maré concentra mais de 240 foragidos da Justiça; moradores vivem acuados”⁸, mas o termo depreciativo utilizado permanece presente no link da reportagem.



Figura 1 Reprodução do Twitter

IMPLICAÇÕES IDEOLÓGICAS

É fundamental ter em mente que o jornalista não é uma peça neutra na construção do texto jornalístico. No desempenho de sua função, o profissional transfere para o texto suas crenças e visões de mundo, pois “é um ser real, com intencionalidade, que busca trazer para a sua narrativa pontos que considera relevantes e, assim, demarcar características negativas ou positivas de personagens segundo suas proposições ideológicas, religiosas ou políticas” (CALADO, 2019, p. 29), o personagem principal, neste caso, é o próprio Complexo da Maré.

Dois outros fatores também chamam atenção, o primeiro é que a única fonte utilizada no texto é uma autoridade policial, delegado da Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos (Desarme), e o segundo é que a reportagem tem como

⁸ Matéria do G1 sobre o Complexo da Maré. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/26/bunker-de-bandidos-complexo-da-mare-tem-244-foragidos-da-justica.ghtml>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

base de investigação inquéritos policiais, dando destaque principais apenas para falas de autoridades, que resumem o Complexo da Maré a um território criminoso e sem lei, remetendo ao que Stuar Hall chama de fontes primárias.

Ou seja, a “superestrutura esquemática” (DIJK, 2017, p. 67) do texto coincide com a posição ideológica do portal de notícias, visto que a maioria dos materiais jornalísticos produzidos por esse jornal retratam o complexo de favelas da Maré como local potencialmente perigoso, reforçando imagens negativas e estereótipos. Portanto, “se um relato noticioso é tendencioso, isto acontece usualmente porque o modelo mental do jornalista contém estruturas e opiniões que favorecem uma perspectiva ideológica específica sobre um acontecimento” (DIJK, 2017, p. 70).

Em seus estudos, Dijk (2017) explica que a semântica textual desenvolve um papel fundamental para a realização de uma análise crítica das notícias, pois elabora técnicas de compreensão do texto através de componentes como palavras, frases, parágrafos ou discursos globais. Uma noção semântica importante para essa análise é a de proposição. A coerência global, que também se relaciona com a semântica do texto, permite compreender como se relacionam essas proposições.

Além dessa relação subsequente, o texto também possui uma unidade semântica global que pode ser compreendida como temas ou tópicos, estes facilitam a compreensão da informação mais importante do texto, classificada como macroproposições semânticas, que são proposições originadas de outras sequências de proposições existentes no texto. “O conjunto hierárquico de tópicos ou macroproposições forma a estrutura temática ou de tópicos do texto (...) No discurso das notícias, o topo desta macroestrutura é convencionalmente expresso no título e no parágrafo do lead” (DIJK, 2017, p.65).

Além do título e do lead, as matérias jornalísticas também são compostas por acontecimentos principais, contexto, história, reações verbais e comentários, essas categorias são apresentadas de forma descontínua durante o texto e em cada parte é apresentado primeiramente a informação mais relevante, essa estratégia é o que forma a estrutura mais importante do texto, e a escolha pelo que é tido como mais importante pode vir carregada de interferências ideológicas (DIJK, 2017).

Portanto, é possível compreender, a partir dessas explicações, que a construção e estruturação da notícia envolvem fatores ideológicos por parte do jornalista, que age por meio de sua compreensão de mundo, desenvolvida a partir de diversos fatores como a

classe social, cultura, crenças, etc. Levando isto em consideração, é importante destacar que, por ser um ambiente hegemonicamente composto e comandado por pessoas brancas, as redações jornalísticas tendem a se fechar para o debate sobre o fortalecimento de um discurso antirracista.

DISCURSO COMO FATOR EXCLUDENTE

Grada Kilomba (2019) em seus estudos reitera que o racismo se dá através do discurso. “O racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes” (KILOMBA, 2019, p. 130). Um exemplo é a frequente associação de favelas a espaços em que apenas existe violência, criminalidade, pobreza, situação impulsionada por um imaginário amplamente alimentado por discursos jornalísticos.

Esses discursos contribuem com o fortalecimento do que Kilomba (2019) conceitua de “outridade” do sujeito negro, aquele tido como diferente quando comparado com o branco (o outro do branco), processo que se dá de forma estratégica através de uma absoluta negação, já que “no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (KILOMBA, 2019, p. 34). que se origina do espaço de marginalidade a que essas pessoas são empurradas, aquilo que o sujeito branco não quer ser, nem se parecer. Essa lógica é o que continua alimentando o racismo estrutural e institucional no Brasil.

Esse distanciamento pode ser percebido em diversos setores da sociedade, mas analisemos o cenário jornalístico no Brasil. Uma pesquisa⁹ realizada em 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) comprovou isso, de acordo com seus dados. Na época, 72% dos jornalistas brasileiros eram brancos.

A partir deste cenário, é urgente discutir a importância que a representatividade institucional desempenha no combate a essas mazelas, visto que envolve “à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação” (ALMEIDA, 2019, p. 68). A

⁹ “Quem é o jornalista brasileiro: perfil da profissão no país”. Disponível em:<
<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em 26 de set. 2020.

representatividade também contribui com o desmantelamento de narrativas discriminatórias que insistem em empurrar minorias para espaços de subalternidade, questionando os espaços que o imaginário racista atribuiu a essas pessoas.

Mas é preciso ir além e lembrar que “a representatividade é sempre institucional e não estrutural, de tal sorte que quando exercida por pessoas negras, por exemplo, não significa que os negros estejam no poder.” (ALMEIDA, 2019, p. 69). Ou seja, é preciso mais do que ocupar determinados espaços, é necessário que haja mudanças efetivas que beneficiem as minorias engajadas com as demandas por igualdade e que tenham poder de decisão e estejam em quantidade equiparada aos brancos nessas instituições.

BUNKER DE POTÊNCIA

E por mais que as mídias hegemônicas silenciem perante suas falhas não reconhecendo a importância de criar espaços de equidade dentro de seus muros, há uma busca constante por emancipação por parte das minorias sociais. Além da retirada do termo bunker de bandido da matéria do G1 após a má repercussão gerada, internautas se utilizaram de outras estratégias para denunciar o ocorrido.

Um exemplo é o texto de opinião feito pela jornalista e moradora do Complexo da Maré Gizele Martins para o portal Brasil de Fato do Rio de Janeiro. Intitulado “A Maré não é ‘*bunker* de bandido’ como mostra a mídia comercial”, o texto apresenta a Maré como um bunker de solidariedade, lazer, cultura e trabalho, dando ênfase a iniciativas que ocorrem dentro das comunidades como doações de alimento para amenizar os impactos sofridos por famílias carentes em plena pandemia. Voltada para o fator cultural, a jornalista também destaca que o Museu da Maré é o primeiro construído dentro de uma favela no mundo.

Esses são destaques que não ganham tanta repercussão na mídia hegemônica, já que, enquanto valor-notícia, as favelas só rendem se forem retratadas como território de terror e criminalidade.

As mídias comerciais, historicamente, neste país intitulam sem pudor os moradores de favelas, os seus territórios, os seus costumes, a sua cultura, as suas músicas, as suas falas, a cor de suas peles sempre com o intuito de criminalizar, marginalizar,

violentar e inferiorizar todos os que moram nestes locais empobrecidos e habitados por uma maioria de população negra¹⁰

Outras ações que também ganharam destaque foram realizadas no Twitter encabeçadas pelo do Instituto Marielle Franco - organização sem fins lucrativos localizada no Rio de Janeiro com o intuito de fortalecer a luta das minorias sociais - que teve a ideia de subir a *hashtag* #MaréBunkerdePotência incentivando outras pessoas a listarem referências de ações, projetos, iniciativas desenvolvidos dentro da Maré para contrapor a ideia preconceituosa que favela é reduto da criminalidade.



Figura 2 reprodução do twitter

Combater as ideologias dominantes compartilhadas pela imprensa tradicional é uma demanda urgente, visto que “o significado das práticas discriminatórias pelas quais o racismo se realiza é dado pela ideologia. Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade.” (ALMEIDA, 2019, p. 43). Por isso é importante que indivíduos pertencentes a grupos socialmente privilegiados percebam as hierarquias geradas por esses privilégios e como

¹⁰ Texto publicado no site do Brasil de Fato em resposta à matéria do G1. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/opinioa-a-mare-nao-e-bunker-de-bandido-como-mostra-a-midia-comercial>>. Acesso em 26 de set. 2020

isso impacta a estruturação dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho verificou-se o papel fundamental que a imprensa possui na construção, fortalecimento e funcionamento de uma comunidade democrática, levando em consideração que suas produções jornalísticas norteiam a sociedade (PARK, 2008). Com isso, também foi proposto o entendimento sobre o poder persuasivo desses veículos, com o intuito de fazer entender como ocorre o processo de construção das matérias jornalísticas e que forma recai sobre a opinião pública os discursos ali produzidos.

Para tal compreensão foi necessário se apoiar nas reflexões pertinentes trazidas por Chareaudeau (2013) que se debruça sobre a construção do discurso e nos faz entender as implicações ali existente. Uma das principais contribuições trazidas é o entendimento de que a informação não é neutra/objetiva, pois o processo da linguagem envolve, também, a intersubjetividade. Nas redações jornalísticas essa é uma ideia arraigada, fazendo crer que o texto jornalístico é um espelho que reflete copiosamente a realidade.

Mas, durante a pesquisa esse pensamento foi constantemente questionado por meio da apresentação das camadas que envolvem a construção do discurso e como o poder e a imprensa se relacionam fortalecendo ideologias dominantes por meio do trabalho jornalístico (HALL, 2016); (DIJK, 2017), a exemplo dos discursos racistas. Impactar os ambientes jornalísticos é uma demanda trazida por este artigo, visando criar espaços para grupos subalternizados, como negros, mulheres, indígenas, LGBTQIA+, pois acreditamos que é a partir da abertura para a diversidade e oferecendo oportunidades para que essas pessoas possam ser vistas, lidas e escutadas que a lógica dominante que se favorece das desigualdades sociais pode ter suas estruturas destruídas.

REFERÊNCIAS

A Maré não é ‘*bunker de bandido*’ como mostra a mídia comercial / Brasil de Fato – Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/opiniao-a-mare-nao-e-bunker-de-bandido-como-mostra-a-midia-comercial>>. Acesso em 26 de set. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019
Censo populacional da Maré / Redes da Maré. – Rio de Janeiro : Redes da Maré, 2019.
Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf.>
Acesso em: 25 de set. 2020.

CHAREAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**; tradução Angela M. S. Corrêa. 2ª ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

Conheça o Brasil - População: Cor ou raça. IBGE Educa. Disponível em:
<<https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>>. Acesso em: 12 de ago. 2021
Dicionário Online de Português. **Significado de bunker**. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/bunker/>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

DIJK, Teun A. van. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Ribeirão: Húmus, 2017.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias**: O 'Mugging' nos Media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016.

KALADO, Karolina de Almeida. **Narrativas jornalísticas na mídia independente**: vozes, temáticas e estratégias argumentativas. Tese de doutorado. Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIELKE, Ana Cláudia. **Negros e mídia**: invisibilidades. *Le Monde Diplomatique*, Ano 10, n 114, p. 7-8, 2017.

PAUL, Dairan. **G1 reduz 140 mil cidadãos a “bunker de bandidos”**. 31 de ago. 2020. Disponível em: <<https://objethos.wordpress.com/2020/08/31/g1-reduz-140-mil-cidadaos-a-bunker-de-bandidos/>>. Acesso em 25 de set. 2020.

PARK, R. **A notícia como forma de conhecimento**: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (org.). **A era glacial do jornalismo**. Porto Alegre/RS: Sulina, v. 2., 2008, p.51-70.

PARK, R. **Notícia e poder da imprensa**. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (org.). **A era glacial do jornalismo**. Porto Alegre/RS: Sulina, v. 2., 2008, p.71-82.

RIANELLI, Erick; FREIRE, Felipe; SANTOS, Guilherme; LEITÃO, Leslie. **Complexo da Maré concentra mais de 240 foragidos da Justiça**; moradores vivem acuada. G1, Rio de Janeiro, 26

de agosto de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/26/bunker-de-bandidos-complexo-da-mare-tem-244-foragidos-da-justica.ghtml>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
SILVA, Vitória Régia da; LEÃO, Natália. **Na pandemia, mulheres ficam mais vulneráveis e são maioria entre desempregados**. Gênero e Número, 8 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/mulheres-trabalho/>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.

ZENKER, Ana Luiza. **Negros são maioria nas favelas, segundo estudo do Ipea**. Agência Brasil, Brasília, 16 de dezembro de 2008. Disponível em: <<https://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2008-12-16/negros-sao-maioria-nas-favelas-segundo-estudo-do-ipea>>. Acesso em: 12 de ago. 2021.